

Donald Woods Winnicott
(07/04/1896 – 25/01/1971)

Érica Audibert



BIOGRAFIA

Donald Woods Winnicott nasceu em abril de 1896 na cidade de Plymouth, no sudoeste da Inglaterra, e faleceu na cidade de Londres em janeiro de 1971. Sua família era composta por seu pai, sua mãe e 3 filhos, sendo duas irmãs e o Donald. Seu pai era um comerciante e empreendedor, com uma vida pública importante. Sua mãe era dona de casa com tendências depressivas e uma saúde debilitada.

Em 1916 iniciou medicina na Universidade de Cambridge, onde se formou em 1920. Iniciou sua prática clínica como pediatra no Queen's Hospital for Children e Paddington Green Children's Hospital em 1923, onde trabalhou por 40 anos. Durante sua formação como médico começou a se interessar pela psicanálise e pelas obras de Freud. Winnicott foi o primeiro médico pediatra a tornar-se também um psicanalista e estudar os aspectos psiquiátricos com a prática clínica pediátrica. Foi aceito como iniciante na Sociedade Britânica de Psicanálise em 1927 e em 1935 finaliza sua formação como analista de crianças. Após, Winnicott foi presidente da SBP por duas vezes e fez palestras radiofônicas para as mães durante a guerra.

A Teoria da Comunicação no pensamento clínico de Donald W. Winnicott

A comunicação pelo olhar.

Donald Woods Winnicott fala sobre a importância do “acontecer humano”, que ocorre quando o bebê começa a distinguir entre o ambiente externo e a si mesmo. Esse processo acontece no primeiro ano de vida, pois, quando vem ao mundo, ele encontra no ambiente humano, o acolhimento de suas necessidades físicas e emocionais, na qual precisa para se desenvolver.

Como sabemos, durante o primeiro período de desenvolvimento, o bebê depende totalmente da mãe para suas necessidades básicas, desde os cuidados mais simples como alimentação e higiene, até a interação e vínculo emocional, tudo o que a mãe lhe proporcionar será constitutivo do seu psiquismo. Todos atos de cuidado com o bebê construirão uma experiência enriquecedora, tanto para ele quanto para a mãe, fazendo uma troca mútua entre eles.

De acordo com Winnicott, a base de todas as teorias sobre o desenvolvimento da personalidade é a continuidade da vida, que tem início muito antes do nascimento. Nada que fez parte da experiência do bebê, se perderá ao longo da vida, mesmo que não se lembre, levando-se em conta as memórias corporais que farão parte de sua experiência subjetiva.

Winnicott analisou a comunicabilidade entre a mãe e o bebê a partir da "função de espelhamento" (WINNICOTT, 1967b/1975). Para ele, o rosto da mãe é precursor do espelho que o bebê precisa para "ver" e "ser visto". Para que o espelhamento ocorra, é preciso que a mãe se constitua como um continente para que o bebê possa se desenvolver. Eles olham para o seio enquanto se alimentam, pois é um laço que une a mãe ao bebê, e também podem procurar no rosto da mãe, o que é mais comum. Mas, o que o bebê vê quando olha para a mãe? "Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali" (WINNICOTT, 1967b/1975, p. 154).

Porém, muitos bebês podem não receber esse olhar materno, eles olham e não veem a si mesmo. A mãe pode estar passando por uma grande depressão ou não ter ganho a preocupação materna primária, necessário para o contato íntimo com seu bebê. Para ele, a mãe é uma "mãe morta", forma referida por André Green (1988). Não se trata de uma morte real, se refere a algo sem possibilidade de construir um vínculo e estabelecer com ele qualquer tipo de comunicação. Quando o bebê não encontra o olhar materno e o seio reunidos em uma única experiência, a capacidade criativa do bebê começa a se atrofiar. Por consequência, o consciente do bebê busca uma forma de se defender da falta de acolhimento materno, construindo em seu entorno proteção para se refugiar.

Uma fase importante para que o bebê possa passar para um momento seguinte, se expressa pela frase "eu vi que você me viu como eu me vejo". O bebê necessita não só que a mãe o veja, mas o reconheça da forma como ele mesmo se vê nos olhos dela. Ser reconhecido é uma necessidade básica que o ser humano tem assim que vem ao mundo e essa experiência perdurará por toda a vida. Quando o bebê observa o reflexo de si mesmo na mãe, isto produz uma experiência de autoconsciência ou autorreflexão.

Bebês são visuais, mas também são auditivos e táteis na medida em que eles exploram o mundo externo com o seu sistema perceptivo. Em termos winnicottianos, é, nos primeiros estágios de comunicação entre o bebê e a mãe, que estão sendo assentadas as bases da futura saúde mental do bebê (WINNICOTT, 1968d/2006).

INOVAÇÃO METODOLÓGICA

Para Winnicott, entendemos sobre o saber olhar e ser visto, tanto pela figura materna quanto pelo bebê. O olhar entre eles colabora para o desenvolvimento da interação, trazendo para a intimidade deste par. A figura materna é entendida como o ambiente, pois, é ela a responsável por prover aquilo que o

recém nascido necessita. Quando o ambiente não atende de forma satisfatória, o psiquismo do indivíduo que está em formação é prejudicado.

REFERÊNCIAS

GREEN, A. A mãe morta. In: Blog de psicanálise. Disponível em: Entre interpretação e Rêverie: A mãe morta de André Green | SBPSP. Acesso em 6 de setembro de 2024.

WINNICOTT, D. W. A amamentação como forma de comunicação. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 19-27.

WINNICOTT, D. W. A Teoria da Comunicação no pensamento clínico de Donald W. Winnicott. Disponível em: A Teoria da Comunicação no pensamento clínico de Donald W. Winnicott (bvsalud.org). Acesso: 04 de setembro de 2024.

WINNICOTT, D. W. O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 153-162.